

# Romances Mediúnicos - Parte III

por Yvonne do Amaral Pereira

Jamais nos fora possível conceber cenas tão belas, tão artisticamente delineadas, paisagens tão esmeradas e tão encantadores pormenores como ao nosso espírito deram a contemplar nessa madrugada feliz, em que nos vimos arrebatada para o Espaço. Os fatos se desenvolviam em cores que iam do azul pervinca, cintilante, ao branco igualmente cin-

tilante, ornados de efeitos de luz e sombreados em azul mais forte, lembrando quadros de Rembrandt<sup>1</sup>. Nenhum detalhe de salão ou de algum jardim, nenhum pormenor de vestuários femininos ou masculinos, e nem mesmo os perfumes escapavam à nossa observação ou à nossa sensibilidade. A certa altura, ouvimos que Hugo comunicava:

- “A quarta Parte será narrada em grifo...”

Não compreendemos o que queria ele dizer. Nada perguntamos, no entanto. Acreditamos, mesmo, que o médium, em tal situação, absolutamente não poderá “falar”, ou seja, externar a própria vontade, senão obedecer à vontade alheia. Pensávamos, porém. E meditamos em que ▶



<sup>1</sup> Rembrandt Harmeszoan Van Ryn

– Ilustre pintor da escola holandesa. Nasceu em Leyde, em 1606, e morreu em Amsterdão, em 1669. Esse inconfundível artista brilha pelo vigor e riqueza do pincel, pela ciência do claro-escuro, cuja multiplicidade de recursos foi o primeiro a mostrar, pela vida das encarnações, vigor das sombras e brilhos da luz. Deixou 350 pinturas e outras tantas águas-fortes. É célebre o seu auto-retrato.



*Pinturas de Rembrandt - A Festa de Balthazar (1635) e A Noiva Judia (1666)*

o grifo é um sinal na escrita manual ou tipográfica, um tipo de letra de imprensa diferente dos demais caracteres em que o texto de uma obra foi impresso, embora os dicionários expliquem tratar-se também de um enigma, de algo embaraçado ou ambíguo. Dentro em pouco, no

sas, porém claras e cintilantes, como se um sol vivo e ardente recobrisse os ambientes. Mas, naqueles vividos em Paris, durante essa Quarta Parte, as cores eram mais brandas e delicadas, destacando-se o azul e o rosa, como em “Nas Voragens do Pecado”, mas tudo envolvido em discre-

nos preocupava e nos era impossível avaliar. Conhecemos, então, detalhes repugnantes e atrozes, ali existentes, tais como imundícies e fétidos, o que até então ignorávamos houvesse existido nos ditos presídios. Chorávamos e sofriamos, exatamente como faziam as personagens. Cenas, impressões e emoções repercutiam em nossas sensibilidades com intensidade profunda e inexplicável, não isenta de sofrimentos. Cremos que todas as potências com que Deus prendou nosso ser anímico encontravam-se, naqueles momentos sagrados, hiperestasiadas, ou seja, todas as nossas energias vibratórias se haviam exaltado ao grau máximo de nossas resistências espirituais. Por vezes, sobrevinha a fadiga. Mas Charles reconduzia-nos o espírito para junto do corpo – ou tínhamos a impressão de que tal acontecia, não sabemos ao certo. – Víamo-lo, então, o corpo, arquejante a suspirar profundamente. Vultos aéreos, não reconhecidos por nós, cremos que o tonificavam com tera- ▶

## Cenas, impressões e emoções repercutiam em nossas sensibilidades com intensidade profunda

entanto, era realmente exposta a Quarta Parte do livro, exatamente o trecho iniciado em Florença e terminando em Paris, “pelos albores do XVIII século”. Mas, as cenas, agora, bem assim as paisagens, os ambientes, eram inteiramente modelados em cores vivas, diferentes, portanto do resto do trabalho, que fora em azul e branco. Aí estaria o grifo... Nos episódios verificados em Florença, as colorações eram mais inten-

ta penumbra, como se chovesse.

No decurso das cenas, nós nos sentíamos, por toda a parte, como que acompanhante das personagens, a ponto de ingressar em um túmulo com o cadáver de um suicida, cujo Espírito se debatia no período das confusões, e chegando até a sentir o fétido da decomposição cadavérica. Reconhecemo-nos, igualmente, detida no horror das antigas prisões européias, cuja realidade antes não

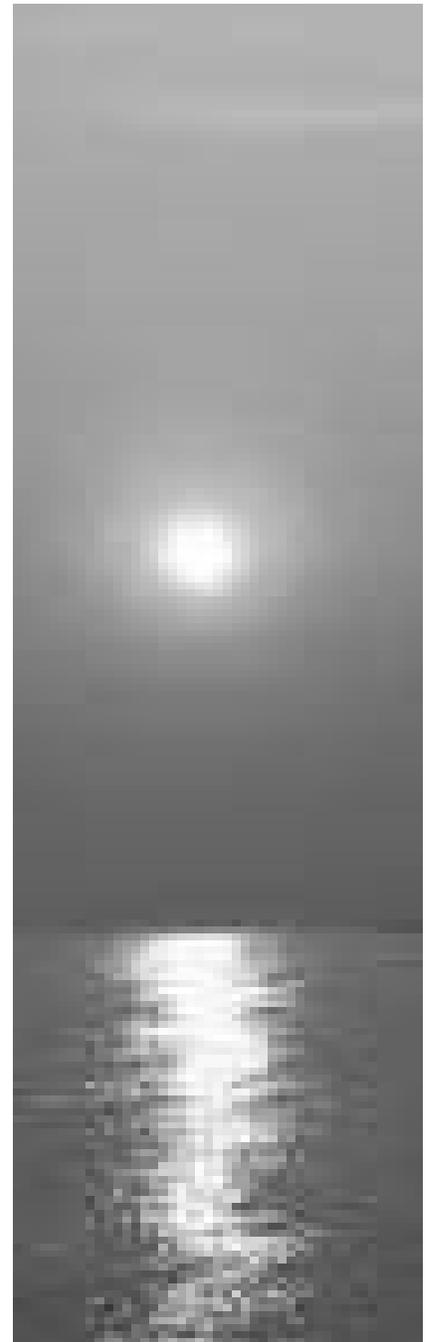
pêuticas celestes aplicáveis ao caso, pois que, então, sobrevinha grande alívio no estado geral e retornávamos aos acontecimentos, como dantes. Indagado, certa vez, da generosidade dos amigos espirituais sobre a razão por que nos eram facultadas tais visões, tão belas e empolgantes, antes que a entidade escrevesse psicograficamente a obra, favor que absolutamente não julgávamos merecer, eis a resposta fornecida pelo próprio Espírito Charles:

- "Não se trata de favor... É apenas um dom natural, que possuiis, assaz desenvolvido, como outros médiuns o possuirão, conquanto não seja tão comum como os demais dons. Um tipo de faculdade que, de outro modo, facilita o ditado psicográfico, porque armazena o cabedal necessário nas camadas mentais do instrumento mediúnico. Tornar-se-á indispensável a tal fenômeno, entretanto, a absoluta afinidade com o Espírito operante, uma sintonia de vibrações, por assim dizer integral, do médium com o "narrador"... Daí a dificuldade de ação e o fato de tornar-se o fenômeno pouco comum... Ainda assim, será necessário que exijamos do aparelho transmissor todas as energias vibratórias de que puder dispor, as quais ainda serão por nós outros elevadas por processos delicados, a fim de que se atinja a comunhão precisa, ou transfusão plena das suas mentes, que se deverão interpenetrar. Um fenômeno mediúnico, enfim, como qualquer outro. Processar-se-á, então, a sugestão forte, projetada pela entidade criadora da peça literária sobre o médium, e a que as ten-

dências e disposições deste gostosamente se acomodem. Não poderíamos, assim sendo, fornecer assuntos que ao médium repugnassem, senão aqueles que exaltassem as suas sensibilidades. Esse é, aliás, o mesmo processo de obsessão. O obsidiado é um passivo que prazerosamente, por assim dizer, se submete ao fato e que conjuga vibrações, de modo completo, com seus obsessores. E quando ele afirma que está vendo isso e mais aquilo, realmente o vê, porque o seu dominador criou o fato, ou a figura, para ele, visto que **o poder de criar é uma força natural do pensamento, um ato da vontade de cada um.** Nesse caso, porém, em se tratando de forças inferiores, fatos e figuras serão deploráveis, porque oriundos de vibrações nocivas, em desarmonia com as leis do Bem e do Belo, causando, então, desequilíbrios impressionantes às duas forças que se chocam. Mas, ao médium espírita, já enfronhado nos meandros de tais fenômenos, tais anomalias deixarão de acontecer, uma vez que estará habilitado a enfrentar, com sinceridade, as sutilezas da faculdade psíquica. Daí o afirmarmos nós outros a soberana convivência de os homens em geral se alistarem nas hostes do Consolador, a fim

**será necessário que exijamos do aparelho transmissor todas as energias vibratórias de que puder dispor**

de se reeducarem, reconhecendo em si próprios os valores que possuem,



## MEDIUNIDADE

as faculdades e possibilidades de que são dotados e os meios de dirigi-las para culminâncias recompensadoras, pois todos esses magníficos dons anímicos lhes foram conferidos pelas leis da Criação para que, através deles, possam servir à sua própria glória, servindo ao próximo e à causa da Vida Imoral...”

Não encerraremos o capítulo sem narrar o mais curioso fenômeno ocorrido na mencionada ocasião.

No desenvolver do drama assim entrevisto, há uma festa, um baile na residência de uma das personagens do romance, exatamente aquele Georges de Soissons, que encarna o **homem de bem** na moral da lição. A certa altura do referido baile, a que assistíamos como se presente estivéssemos, a personagem central, Gaston d'Arbeville, põe-se a cantar uma “romanza” aos tons da harpa, cujos versos, de uma maestria e beleza patética, ouvíamos e compreendíamos. Perguntar-nos-ão, porém, se ouvíamos os versos em francês ou em português, visto as personagens da história serem francesas...

Responderemos que, no Além, durante nossos transportes, jamais qualquer dificuldade lingüística nos perturbou, não obstante conhecermos exemplos de entidades, muito materializadas e inferiores, incapazes de adicionarem as forças do pensamento, as quais usam o linguajar a que se habituam quando encarnadas. Possuímos amigos espirituais franceses, brasileiros, espanhóis, um polonês, um russo, vários mestres hindus e egípcios. Todos nos falam, nos aconselham e escrevem com o nosso lápis, ou se valem da nossa

audição. Nós os entendemos perfeitamente, transcrevemos o que dizem... mas não sabemos em que idioma falam... Sabemos é que, acima de tudo, pensam! No entanto, distinguimos o “tom vocal” particular de cada um, pois que se trata de vibrações do pensamento e as vibrações diferem segundo o caráter de cada entidade, a tal ponto que conheceríamos a “voz” o de cada uma delas dentre centenas de “vozes”.

Ouvíamos, pois, e compreendíamos os versos da canção, eis tudo. E, como judiciosamente lembrou Allan Kardec, ninguém, e ainda menos um Espírito desencarnado de ordem elevada, pensa neste ou naquele idioma. Pensa, simplesmente. E aquele que possuir percepções capazes de compreender seu pensamento, entendê-lo-á naturalmente. Todavia, repetimos, Espíritos inferiores, e que foram de outras naciona-

**No Além, durante nossos transportes, jamais qualquer dificuldade lingüística nos perturbou**



lidades quando homens, já nos falaram em idiomas que não nos foi possível compreender. Cremos tratar-se, esse fato, de particularidade para nossos estudos.

Entretanto, Charles atraía-nos para a beira do corpo carnal em letargia, justamente quando a personagem “Gaston” cantava sua “romanza”. Esse quadro deslumbrante, isto é, o salão feérico, inundado de uma cintilante luz azul muito pálido, regurgitante de convidados; o luxo e o brilho dos vestuários, Gaston, tangendo a harpa e a cantar a melodia comovente, e até fulgurância das jóias por ele usadas no momento, tudo nos acompanhara para o nosso aposento de dormir e agora pairava no ar, clareando o recinto com a sublime luz em azul e branco que coloria as cenas. Talvez, porém, o quadro não nos acompanhasse propriamente e sim nossa visão espiritual se distendesse, favorecida pelos recursos operantes, produtores do fenômeno, permitindo-nos alcançar, do aposento referido, as cenas mantidas na Espiritualidade, visto tratar-se de experiências feitas pelos obreiros do Invisível para possíveis revelações sobre o mundo espiritual. Não fomos informada a respeito e aqui apenas registramos as duas possibilidades. À proporção que os versos caíram da voz do artista, porém, nós os víamos escritos – **agora em bom português** -; pelo menos, essa foi a tradução feita por nossa mente. Eles pairavam no ar, como uma tela, ao lado da cena e não abaixo, como em cinematografia aparecem as legendas, em enormes caracteres tipográficos estilizados, como góticos, luminosos, irradiantes, tremeluzentes como



tudo pairava no ar, clareando o recinto com a sublime luz em azul e branco que coloria as cenas

## MEDIUNIDADE

estrelas, parecendo estruturados em essências líquidas, igualmente brancos com irradiações azuladas. E Charles ordenou, meio ansioso, revelando muita pressa:

- “Levanta-te, toma do papel e traça, ligeira, esses versos...”

Mas nós nos sentíamos tão fatigada e sem forças! Respondemos negativamente, à beira do próprio corpo, a este vendo qual um cadáver:

que lembrava algo do primeiro movimento da “Sonata ao Luar”, de Beethoven, melodia que por mais de uma vez Charles nos tem dado a ouvir, quando desses transes. Tomamos do lápis, ligeira, excitada, recordando a advertência do reino amigo, pois conservamos sempre à cabeceira os utensílios de escrita, justamente para tais circunstâncias. No entanto, a chama espiritual que nos acionava se apagava, porque nem um

### No entanto, a chama espiritual que nos acionava se apagava

- “Não posso! Estou muito cansada! Não posso...”

- “Sim, poderás! Levanta-te e escreve! Será a única forma de obteres versos do Além! Não és médium poeta! Escreve!”

- “Não, não poderei! Amanhã, quando despertar, sim, escreverei!”

- “Será agora ou nunca mais!...”

E manifestava ansiedade, talvez contrariedade, enquanto repetíamos:

- “Amanhã escreverei, prometo... prometo...”

Certamente, a delicadeza e a bondade desse afetuoso Espírito não nos desejava obrigar a novo sacrifício, que exigiria de nós maior percentagem de esforços, pois não há dúvida de que ele nos poderia obrigar a atendê-lo. Na manhã seguinte, efetivamente, despertando de prolongado transe, recordamo-nos incontinênti do fato, ainda recitando os versos e trazendo impressa na alma a melodia,

único verso da bela peça foi possível tratar! Esquecemo-la completamente, ao reapossar definitivamente da matéria! Nem mesmo posteriormente, quando Charles se apresentou para escrever o romance, tal coisa foi possível!

Terminada a exposição de Gatton e de Victor Hugo, vimo-nos levada pelo instrutor Charles à presença do grande escritor, que nos agraciara com uma peça literária, como sói fazer-se na Espiritualidade. Compreendemos que aquele amigo nos apresentava como possível instrumento para transmissão da história aos homens, no feitio educativo de moldes espíritas. Victor Hugo fitou-nos com olhar profundo, perscrutador, como que devassando todos os escaninhos das nossas possibilidades psíquicas. Depois, voltou-se para Charles:

- “Haveria muito trabalho em prepará-la a meu gosto... Escreve tu,





através dela, pois conheces os fatos expostos, és intelectual, conheces a Filosofia e a Moral espíritas e possui ascendência sobre ela, a médium... Tece o enredo à tua vontade, adaptando-o à Filosofia que esposamos...”

Alguns dias mais e Charles traçava, através da psicografia, a exposição romântica do citado drama, sem conclusões morais e filosóficas. E advertiu, em seguida:

- “Guarda o trabalho. Posterior-

sibilidades, através da psicografia mediúnica, foi publicado pela FEB para homenagear o Centenário da Codificação, sob o nome de “Amor e Ódio”.

Quando terminada a leitura do livro já impresso, nós o colocávamos em nossa humilde estante, amargo desapontamento adveio e murmuramos tristemente:

- “Não transmiti fielmente o que os nobres expositores espirituais desejavam dizer aos homens! A obra

## A obra escrita ficou muito aquém da realidade que me deram a presenciar no Espaço

mente obterás instruções...”

Vinte e cinco anos mais tarde, isto é, ao findar o ano de 1955, apresentou-se novamente esse amigo, com as prometidas instruções:

- “Fui incumbido de escrever definitivamente a história de Gaston... Ele se encontra desde o ano de 1931... e certamente lerá a própria história nesse livro, porquanto também milita nas hostes do Consolador, já que, graças aos Céus, perseverou no ideal espírita, uma vez reencarnado...”.

Com efeito, rapidamente, Charles reviveu o enredo romântico, adaptando-o à Doutrina Espírita... e o drama, assim desenrolado no Além, como num teatro modular, **durante um arrebatamento do nosso espírito**, narrado pelo talento de um escritor genial, e escrito pelo instrutor espiritual Charles, intelectual e artista de grandes pos-

escrita ficou muito aquém da realidade que me deram a presenciar no Espaço. Meu Deus! A palavra dos Espíritos, seus recursos criadores são poderosos demais, demasiadamente intensos e lindos para que nós, pobres seres humanos, possamos realmente traduzi-los para a nossa imperfeita e tão rude linguagem terrena...” ■

**FIM**

Fonte:

PEREIRA, Yvonne A. *Devassando o Invisível*.  
Págs. 138 a 173. Feb.